

PALAVRÃO: um lobo mau da escola

SWEAR WORDS: the school's Big Bad Wolf

Úrsula Heckler¹

RESUMO: O presente trabalho apresenta uma análise do uso do palavrão em sala de aula a partir das contribuições principalmente de Hamilton Werneck e La Taille. Sabe-se que um dos pilares para o bom andamento de aulas e também para a aprendizagem dos alunos é o ambiente em que se estuda. Família e sociedade estão interligadas e influenciam a atividade escolar, e, assim, uma precisa contribuir com a outra para a formação de excelência dos alunos. Inicialmente será abordado o conceito de palavrão ou palavra de calão, seguindo-se uma análise de como família, escola e sociedade unidas contribuem para uma boa educação das crianças.

Palavras-chave: Palavrão. Professor. Família. Criança. Exemplo.

AABSTRACT: This paper presents an analysis of the usage of swear words in the classroom, from contributions made mainly by Hamilton Werneck and La Taille. It is known that the learning environment is one of the fundamental pillars of the proper conduction of lessons as well as of the learning process. Family and society are interconnected and have influence on the school activity and therefore need to mutually contribute to the excellence of education of students. Initially, the concept of swear words or slang words will be discussed, followed by an analysis of how family, school and society together contribute to a good education of children.

Keywords: Swear words. Teacher. Family. Child. Example.

1 INTRODUÇÃO

No presente artigo, quer-se ampliar a discussão acerca do uso do palavrão na escola. Fala-se, constantemente, que a falta de educação das nossas crianças desenvolve-se em ritmo acelerado e constante. Todavia pouco é discutida a origem do problema. Em vista disso, serão dados alguns exemplos sobre o tema, posteriormente analisados neste trabalho.

Primeiramente, é preciso ter a definição de palavrão. Em meio à sociedade, ele é considerado indecente, imoral, ofensivo, chulo e obsceno. É uma forma inadequada sob enfoque da língua portuguesa culta. As palavras de calão são usadas para exprimir raiva, admiração, xingamentos, exagero, estranheza, estupefação, entre outros. Sabe-se que o uso do palavrão é impróprio e não bem aceito socialmente. Logo não bem-visto na escola.

Serão apresentadas as ideias do psicólogo e educador La Taille e do professor Werneck sobre o tema. Além disso, será analisado como se procede o trabalho do professor na escola. Diálogo e exemplo são o melhor começo. A participação da família no processo de educação dos filhos é fundamental para a manutenção dos valores, da boa conduta e da ética.

2 O DEVER CHAMA O MESTRE

As crianças frequentam ambientes não familiares desde cedo. Elas precisam ter o contato com diferentes pessoas dos mais diversos costumes e modos, porque é nesse momento que descobrem novos mundos. Cada um tem uma cultura diferente do outro, a qual é composta por objetos, cores, crenças e também a língua – o modo de falar. Então, quando a criança entra em contato com outras, não só na escola, mas também em

¹ Graduanda em Letras – Português e Alemão pelo Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI; bolsista de iniciação à docência do PIBID – Alemão.

outros ambientes, ela é influenciada e influencia outras crianças na maneira de querer vestir e possuir determinado brinquedo, por exemplo.

Sou concluinte de estágio em turma de Ensino Fundamental I e, durante a minha prática, fui defrontada com muitos alunos que falavam palavrões, e isso me levou a querer saber mais sobre o assunto, para futuramente saber como lidar com o palavrão na escola. Ao ouvir sempre de um mesmo aluno expressões de caráter muito ofensivo e agressivo nos corredores, na hora do recreio e a todo momento da aula, perguntei-me o que poderia fazer para que esse aluno não falasse mais tantos palavrões e não influenciasse os demais.

Professor não é apenas um sujeito que ajuda a sua turma na construção do conhecimento, mas também é aquele que auxilia a turma a relacionar-se melhor entre si e a melhorar o ambiente. Para tanto, precisa estar atento para oferecer um suporte adequado a seus alunos. Em alguns casos, uma breve e calma conversa pode ser a resolução do caso. Esse tipo de situação não deve predominar na tarefa docente, porque a educação deve ser promovida principalmente em casa e na escola, na aprendizagem.

O professor assume muitos papéis, mas é questionável se a educação que cabe aos pais deve ser assumida por ele. É fundamental que o mestre não assuma tarefas demais; ele precisa de um tempo para ser pesquisador e autor, além de ser alguém que tenha tempo para atualizar-se e capacitar-se na sua área de atuação profissional. Pedro Demo, em seu livro “O mais importante da educação importante”, apresenta como é a formação atual do professor, aborda fatos históricos da educação e índices da escolaridade brasileira. Conforme o autor (DEMO, 2012, p.84): “A qualidade da aprendizagem do aluno depende sumamente da qualidade docente, assim como a educação dos filhos depende sumamente da qualidade humana dos pais”.

3 PALAVRÃO, QUE “BICHO” É ESSE?

Palavras de calão são praticamente em sua completa porcentagem termos de nível ofensivo, agressivo, imoral e obsceno, utilizadas pelo emissor para expressar-se na sua linguagem rudimentar. Por isso, quando utilizadas em locais públicos, causam muitas vezes constrangimento nas pessoas presentes. Quando isso acontece frequentemente na sala de aula, o professor deve intervir, mesmo que o emissor demonstre não saber utilizar outra forma para expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções.

Pode-se não falar diretamente no assunto, mas sim de como a boa comunicação é importante entre as pessoas. Apresentam-se maneiras agradáveis de transmitir uma ideia, informação negativa ou ruim para não, em um primeiro momento, tratar do tema de forma muito direta, até porque ele por si só é desagradável. Esse primeiro momento de trabalho pode ser positivo, porque a turma pode perceber o quanto é agradável ouvir alguém que escolhe bem as palavras para expressar-se e/ou comunicar-se e não utiliza palavras de calão. É preciso que o professor esteja preparado para conversar sobre e discutir esse tema em qualquer de suas aulas.

É imprevisível o trabalho docente; precisa-se estar preparado para tudo a qualquer instante. Não se trata o tema de palavras de calão em uma aula em que a turma esteja tranquila, trabalhando em harmonia, pois não faria sentido. Então, nada melhor do que planejar uma conversa ou uma atividade sobre o assunto e fazer uso disso em um momento oportuno – quando a turma realmente percebe o que há de errado, constrangedor quando se exprimem sentimentos e pensamentos por meio de palavrões. De acordo com Pedro Demo (2012, p. 60): “Aula serve para orientar, incitar pesquisa, organizar atividades de produção de conhecimento, arrumar ambiente favorável de autoria, não para entupir o aluno”.

Muitas vezes, o professor não consegue dar a sua aula por vários fatores que o perturbam. Para que uma boa aula acontecer, conforme os requisitos apresentados por Pedro Demo (2012, p. 63-64), é importante que relações de respeito e cumplicidade sejam estabelecidas. Os docentes precisam trabalhar juntos; cada qual deve investir na própria carreira profissional, embora formados há alguns anos. Atualizar-se é imprescindível; o professor é o “profissional dos profissionais” e precisa guiar e orientar os outros tanto na escrita como na leitura.

Proclamar a boa conduta e trabalhar maneiras de comunicar-se adequadamente é uma forma de criar relações respeitadas entre as pessoas baseadas na vivência de valores. Contudo o principal meio de expor a questão de valores, de escolher bem as palavras para expressar-se é dar e ser exemplo. Mestre tem que cativar, mostrar que aquilo o que ele diz é bom, verdadeiro, digno de ser seguido. De acordo com Yves de La Taille (2014, p. 11): “[...] a figura de autoridade inspira outro sentimento: o da confiança. É porque a figura de autoridade inspira confiança, que quem se submete a ela acredita no que ela diz e aceita as ordens”. Novamente se comprova, indiretamente, que o professor dá exemplo. Se é alguém correto, seguro de si, do seu trabalho e de outras

atividades que realiza, inspira confiança. Os alunos são conquistados por esse mestre e passam a respeitá-lo.

Ter autoridade, e não poder, dentro da sala de aula é fundamental. O professor visto como aquele que tem autoridade consegue obter bom nível de aprendizado da sua turma, porém sem ela pode não alcançar um nível tão bom assim. Caso conseguir, não terá o respeito da sua turma. La Taille fomenta que o poder invoca medo nas pessoas e autoridade faz com que o outro creia em nossa palavra. Professor que inspira tem a capacidade de solucionar com brevidade e simplicidade problemas na escola. La Taille (2014, p. 11) fala sobre autoridade e poder:

Pensamos na diferença entre os dois conceitos [...]. Se, para ser obedecido por seus alunos, um professor precisa lançar mão de ameaças de punição [...], seu provável sucesso em ser obedecido decorre de uma correlação de força: ele tem o poder de punir os seus alunos e a esses, que não têm o mesmo poder, somente resta obedecer ou então arriscar-se a sanções que podem ser-lhes fatais. [...] Um professor com autoridade é aquele que consegue ser ouvido e obedecido por seus alunos sem acenar com ameaças de punição ou dar mostras de seu poder: ele manda os alunos fazerem isto e aquilo, e eles simplesmente fazem.

O adulto precisa acompanhar e orientar a criança para que ela tenha bom desenvolvimento educacional. Para que ela ouça orientações, os adultos, principalmente pais e familiares próximos, precisam inspirar confiança e não somente o professor na escola. O suporte para o crescimento deve ser dado porque os pequenos não conseguem perceber sozinhos que aquilo que dizem não é adequado. Eles necessitam que alguém – um adulto – lhes dê atenção e coordenadas.

Essa é a ideia reunida na obra de Pedrosa (2011): “Por que você não me obedece?”, pois em um mundo onde a competição e o individualismo abalam as relações sociais das pessoas, é primordial que alguém dê orientação para promover respeito e união. Os valores são perdidos, e os mais afetados não são os adultos; eles sabem como se defender. Os mais jovens precisam de proteção, orientação e referência de alguém que possa aconselhá-los. As coordenadas precisam ocorrer em uma trajetória dupla: primeiro, até que se tornem independentes e educadas. Professor não tem obrigação, inclusive tempo e dinheiro, para fazer tudo isso. Logo, a família deve estar presente na formação das crianças em todo o seu processo de aprendizagem.

É possível diferenciar na escola as crianças que têm e as que não possuem essa presença. Aqueles pais que não usam palavras identificam com facilidade que

algo está errado com a sua criança, quando essa faz uso de palavras de calão em casa. Pais temem que, na escola, principalmente os colegas de turma sejam má influência para seus filhos e temem o relacionamento deles com os colegas da escola, o que também é negativo. Pais/famílias presentes podem orientar as crianças quanto ao uso do palavrão. Explicar o que eles significam pode ser um grande auxílio para que diminua esse uso na escola.

A especialista em ensino lúdico Ana Maria Antunes de Campos, também com experiência na área educacional com ênfase em Ensino e Aprendizagem na Sala de Aula, colabora com o estudo quando escreve:

Precisamos saber sobre a importância de uma comunicação com excelência dentro e fora dos muros das escolas, recurso crucial para o aprendizado significativo do educando, entender como a comunicação errônea pode ser prejudicial para todos os envolvidos no sistema educacional principalmente para o educando, compreender como é importante que essa comunicação seja clara, simples e objetiva (CAMPOS, 2015, p. 48).

Esse é um alerta de que uma comunicação de qualidade não deve ocorrer apenas dentro da escola. Além disso, a autora afirma que a comunicação com os alunos deve ser simples e objetiva. O professor não pode ser irônico, por exemplo, porque as crianças não têm a capacidade da compreensão subjetiva. Aquilo que se deseja dizer/explicar deve ser focado e também resumido. A escola não tem toda a capacidade de suprir todas as defasagens das crianças, ou seja, as lacunas que os pais deixam na educação dos filhos não têm como ser contempladas pela escola. Os fatores são inúmeros, mas é preciso mencionar que pais possuem deveres e obrigações que a escola não possui e vice-versa; logo uma complementa a outra.

Escola não resolve todos os problemas de todos os que a buscam. Pais precisam guiar os seus filhos em casa e apostar no trabalho da escola. O problema consiste em que haja pais que não dão credibilidade à instituição ou não cumprem a sua função como educadores em casa. Cada qual precisa cumprir a sua função. E o mais importante: família e escola são diferentes. Ambas se completam, mas nenhuma aponta o que a outra deve fazer. O que podem fazer é dialogar, decidir juntas como realizar algumas atividades.

No livro de Freire “Extensão ou Comunicação?” aparece um exemplo muito bom sobre a comunicação. O exemplo permite a um extensionista rural, em um curso ou em um diálogo, não ensinar a um agricultor, o qual trabalha há anos no campo, como ele deve proce-

der com seu trabalho. Não é porque o agricultor possui muito ou pouco estudo, que trabalhou a sua vida inteira da maneira errada. E é nessa mesma direção da extensão que acontece uma situação semelhante entre família e escola.

Assim como o extensionista, o professor apenas dá dicas, sugestões, recomendações de como pais e filhos poderiam desenvolver o trabalho em casa. O que o mestre pode fazer, por exemplo: auxiliar os pais, dar ideias, porém não falar, ordenar como devem educar os filhos ou como o processo educacional pode acontecer dentro de casa. O mesmo acontece com os pais: eles não dizem ao professor como ele deve dar a aula, o que é permitido e não fazer na escola. Nessa direção, cada adulto cumpre o seu dever, dá bons exemplos, contribui na educação das crianças e dialoga com os outros como o processo educacional pode melhorar na escola e em casa. É um bom início quando as crianças não fazem uso de vocabulário chulo, pois demonstram que o seu nível de educação seja superior, o que favorece um ambiente de estudo agradável na escola.

No exemplo acima, foi mencionado que os pais não devem dizer como o professor deve dar a sua aula. E é nessa expressão “dar aula” que um problema está oculto. Muitos pais nem mesmo sabem que faltam principalmente instrumentos de trabalho e curso de atualização profissional para que os professores, em geral, cumpram a sua função melhor na escola. Ainda há a ideia ancestral de que não é necessário profissionalismo para cuidar de criança (DEMO, 2012). A questão para discussão é mais profunda. É preciso de profissionalismo, pois a escola discute questões comportamentais, valorais e disciplinares, de modo que a família não faz ou não sabe fazer, por isso o profissionalismo é fundamental. Além do mais, o professor precisa de constante reforço.

A cada semestre, todos os professores precisam de uma ou mais semanas de estudo, como parte de sua atuação profissional, permanentemente. Os sistemas, por sua vez, precisam oferecer oportunidades de toda ordem (especialização, mestrado e doutorado, recessos para estudo, participação em seminários para apresentar *paper* próprio, acesso à publicação em revistas e editoras, cursos intensivos, exercícios em ambientes virtuais), de sorte que seja viável para o professor continuar naturalmente estudando sempre (DEMO, 2012, p. 68).

Nessa ordem, para promover uma educação de qualidade, pais e mestres precisam conversar, ter contato e expor como a criança se desenvolve, tanto em casa

como na escola. Dialogar é uma das melhores formas, meio que deveria ser utilizado para fazer intervenções no comportamento das crianças, pois através de conversa exemplos podem ser dados e esclarecidos. Todavia é primordial que o emprego da linguagem seja de acordo com a faixa etária da criança, com o intuito de que ela compreenda o que o adulto de fato lhe quer dizer. O escritor, conferencista e pedagogo Hamilton Werneck colabora conosco quando diz:

Uma das melhores estratégias para estar um professor mais próximo de seus alunos é, exatamente, a linguagem coloquial que usa. Se ele for compreendido, todos terão possibilidade de aprender. Pois é nesse ponto que alguns confundem aproximação com o uso da linguagem coloquial dos próprios alunos, muitas vezes retratando os erros de várias origens e as palavras que podem significar termos socialmente desaconselhados. Refiro-me diretamente aos *palavrões* (WERNECK, 2010, p. 1, grifo do autor).

O professor precisa aproximar-se do aluno para tentar obter resultados da sua intervenção. É preciso ter cuidado no momento nisso, porque o professor não pode perder a sua postura de mestre. E Werneck une-se à opinião de La Taille sobre a autoridade do professor na escola. O mestre deve inspirar confiança, os alunos precisam vir a seu encontro para conversar, resolver problemas, ouvir histórias. Werneck (2010, p. 1) escreve o seguinte:

Quando um professor permite a si mesmo o uso de palavras não aconselhadas no convívio social mais culto ou mais formal a transmissão da cultura, naquele momento, indica um caminho perfeitamente possível de ser trilhado pelos alunos até quando se dirigem ao professor. Esse costuma ser o primeiro passo para a perda da autoridade e da credibilidade, dois aspectos que não podem, os professores, perder porque compromete a educação.

Cada situação depende da outra para que o processo de aprendizagem das crianças não seja comprometido. O diálogo deve fazer parte da formação de todo discente. A conversa com as crianças é importante na escola, porém muito mais em casa. No momento em que isso acontece, há dinâmica entre o processo de aprendizagem da criança na escola e em casa, porque todo o processo de educação está interligado. É um ciclo, e o que acontece em casa reflete na escola, o que acontece na escola reflete na sociedade e vice-versa. A formação na escola é mais lenta, pois os alunos passam menos tempo nela do que em casa, o que ultimamente está mudando com as Escolas de Tempo Integral (ETI).

4 PROFESSOR, O QUE VOCÊ FAZ?

Foram elaboradas e aplicadas seis perguntas para vinte professoras/estudantes de Ensino Superior, que têm ou tiveram algum contato com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Primeiramente, foi respondido se a pessoa faz ou não uso de palavras de calão. Quatorze responderam não, e seis responderam afirmativamente. Todavia houve uma contradição em relação à questão seguinte, porque foi perguntada a frequência de palavrões que a pessoa fala diariamente. Quatro pessoas afirmaram não usar palavrões, porém assinalaram que o seu uso diário está entre um e quatro palavrões.

Levanto a hipótese de que as professoras interpretaram a questão como se ela solicitasse se elas usam palavrões na escola, pois o questionário abrange essa temática, e não sobre o uso fora do contexto escolar, embora isso não estivesse escrito na questão. A terceira pergunta envolve a intensidade com que as docentes ouvem palavrões na escola. Em geral, as professoras ouvem-nas constantemente. Na quarta questão, os docentes marcaram qual o grupo de pessoas que eles mais ouvem falar palavrões. Adolescentes foi o grupo mais apontado, e crianças ficaram em segunda colocação. Além de marcar o grupo, as entrevistas do questionário escreveram as palavras que mais ouvem como obscenas e agressivas principalmente.

Na quinta pergunta, as professoras assinalaram qual é a sua ação no momento em que ouvem uma criança falar um palavrão. Todas responderam que ou corrigem a criança, ou dizem que a palavra é “feia” e não pode ser usada e/ou perguntam se a criança realmente sabe o significado linguístico da expressão. Isso demonstra que todas as professoras procuram cumprir a função de educadoras. As questões que surgem pós-análise são: se a maneira com que a correção é realizada é a mais adequada para esse grupo de discentes e se é significativo perguntar a uma criança se ela tem consciência do significado das palavras que ela utiliza.

O professor acaba por orientar os alunos em caso de indisciplina, mas isso não aconteceria se as crianças fossem educadas em casa e praticassem o que aprendem na escola. O processo é longo, complexo, e as transformações dar-se-ão lentamente, todavia o início deve ser feito. Esse pode ser o mais árduo de todo o processo, porque cada um deve comprometer-se em trabalhar para melhorar a educação; não se pode deixar o trabalho para o próximo realizar, porque todos têm a mesma responsabilidade.

Não podemos esperar que as novas gerações modifiquem o que está errado se não despertarmos

para o fato de que cabe a nós, desde já, dar o exemplo. Para isso, nossos pensamentos e ações devem ser um misto de altruísmo, capacidade de doação e amor ao próximo (CHALITA, 2003, p. 11).

Se a ação das professoras que buscam conversar com os alunos a respeito do tema palavrão é correta ou não é difícil de julgar e também não nos cabe tal ato, porém o mais importante de tudo é que elas agem para melhorar a educação. Os professores necessitam de alunos educados para conseguir ministrar as suas aulas. Isso se revela na primeira e segunda perguntas que surgiram após a análise, pois as palavras de calão fazem parte do vocabulário infantil. Normalmente acontece por copiar os adultos (familiares, principalmente) e colegas, mas a criança tem consciência plena dos significados.

A última questão foi em relação à reação dos colegas de classe quando uma criança fala um palavrão. As respostas, na sua simplicidade, surpreenderam. Cinco professoras escreveram que os colegas não se importam devido à frequência de ouvir essas palavras. Outras cinco destacaram que, quando uma criança fala, os colegas riem e/ou retrucam. Há a possibilidade de que, nesse caso, não haja problema a ser identificado nas respostas das professoras, mas uma palavra fica para alertar: normalidade. Palavras desse tipo não podem tornar-se algo normal no cotidiano; o professor precisa agir, mesmo sem contribuição de algumas/muitas famílias.

O docente precisa auxiliar, orientar e chamar a atenção do discente, e é nesse momento que Paulo Freire colabora conosco nessa temática quando ele pergunta se há maneiras de dialogar com alguém sobre uma técnica que não conhece. É preciso equilíbrio tanto do modo de falar como também na temática.

[...] como, então, perder um tempo tão grande procurando adequar a nossa ação às condições culturais dos camponeses? Como perder tanto tempo dialogando com eles? “Há um ponto mais sério ainda”, sentenciam outros. “Como dialogar em torno de assuntos técnicos? Como dialogar com os camponeses sobre uma técnica que não conhecem?”. “Seria possível o diálogo se o seu objeto girasse em torno da sua vida diária e não em torno de técnicas?” (FREIRE, 2011, p. 55).

A conversa com a turma sobre o assunto precisa ser no nível da turma, nada de palavras, exemplos e expressões difíceis para a faixa etária deles. O momento adequado de tratar o assunto na sala também é importante. Precisa-se ser ágil, ter boa percepção dos fatos, porque a colocação/interferência do professor deve acontecer quando a turma dá abertura para isso. A temática

não será abordada, por exemplo, quando os alunos fazem exercícios e participam da aula.

5 FAMÍLIA, QUAL É A TUA?

Algumas professoras marcaram no questionário que têm uma minúscula frequência diária de uso de palavras de calão. Precisamos enfatizar que o mestre é exemplo a todo instante, não apenas na escola; todavia são os pais que deveriam ser os maiores e melhores exemplos para as crianças na maioria dos momentos. E quando algo não vai bem, a conversa é o princípio, não apenas entre pais e filhos, mas entre professor e aluno, professor e pais e assim por diante. Tania Zagury (2002, p. 29) declara em seu livro “Educar sem culpa: a gênese da ética”, no que se refere ao diálogo dos pais com o jovem, que ele “tem que também ter oportunidade de revelar o que pensa sobre o assunto”. Além disso, Zagury (2002, p. 37) contribuiu para o nosso estudo quando diz:

Além de atender às necessidades básicas essenciais à vida [...], cabe a nós pais, no plano social, transmitir aos nossos filhos um certo grupo de valores, de ideias, de comportamentos que lhes permitir, no futuro, a convivência numa sociedade, se não melhor, pelo menos com um mínimo de possibilidade de harmonia.

A família é que deve preparar a criança para conviver na sociedade, pois com poucos anos de vida a criança compartilha brinquedos e atenção da professora na escola. Para isso, condutas são exigidas, das quais os pequenos devem ter conhecimento e ter o hábito adquirido em casa, seja com a família ou com responsáveis. A exigência de condutas é fundamental para uma relação interna harmoniosa, a qual possibilita níveis de aprendizado, desenvolvimento e relacionamento escolares e sociais positivos e construtivos. Além do mais, este é um dos objetivos mais consistentes da escola: boa relação para um avanço, em inúmeros sentidos, e crescimento de todas as pessoas envolvidas.

O exemplo alheio é a base da maioria das construções que alguém realiza ao longo da vida. Dessa maneira, é possível acrescentar que o trabalho inspirado em boas ações/situações normalmente tem resultados positivos, os quais levam a seu crescimento. Assim, as crianças que não são orientadas e não percebem um sentido para as suas vidas acabam por ter dificuldades no seu crescimento e desenvolvimento, além de problemas no relacionamento social e, provavelmente, privado tam-

bém. Pais e professores necessitam atuar concomitantemente; a escola não tem a função social de um lar e vice-versa. Cada um, ao exercer as suas atividades, colabora para a educação das crianças.

O professor que tem a vivência diária ou regular com as crianças e geralmente sabe quais são os problemas que elas têm e o que poderiam trabalhar para desconstruir aquilo que a família constrói: o individualismo. O bem coletivo precisa ser buscado, pois sozinho não se aprende e tampouco se vive feliz. É preciso pensar em fazer o bem; este é um bom começo para a transformação do meio onde vivemos. Esse pensamento ajuda a pessoa a alcançar o(s) o(s) objetivo(s) estabelecido(s).

A ausência de um ideal de vida condena nossa existência à estagnação, ao tédio e até mesmo à depressão [...]. Quando buscamos algo com todo o nosso coração, abrimos espaço para o aprendizado constante e para o desenvolvimento de talentos e habilidades imprescindíveis ao nosso crescimento emocional e intelectual (CHALITA, 2003, p. 62-63).

Os valores devem ser semeados. A família, muitas vezes, deixa de trabalhar o valor das palavras como: muito obrigada(o), com licença, por favor, desculpas, etc. Atrás disso residem os valores e ideologias em cada pessoa. Atos de pequeno valor estão sendo esquecidos. Além disso, não é lembrado que as pequenas partes do quebra-cabeça formam o todo. Ações simples na convivência preparam para a riqueza. Vejamos o que Zagury (2002, p. 65) nos traz:

Frequentemente, quando vêm amiguinhos dos meus filhos aqui em casa e vão entrando direto para o quarto, passando por mim como se passa por uma mesa ou um tapete, sem cumprimentar, percebo como esses detalhes têm passado despercebidos pelos pais (não todos evidentemente). São as pequenas coisas que fazem a base das grandes.

As crianças precisam aprender primeiro pequenos valores, pois eles são os que sustentarão os maiores. Um ditado popular alemão confirma essa ideia: *Wer das Kleine nicht ehrt, ist des Großen nicht wert*². Significa que aquele que não valoriza o pequeno não merece aquilo que é maior. Ser merecedor não é fácil. Há muito trabalho, e exige-se luta para consegui-lo, mas, quando se deseja alcançar os objetivos, faz-se o impossível para conseguir, porém o que torna a caminhada mais árdua é lançar-se aos desafios sem ter amor. A ideologia está nisso. Segundo Gabriel Chalita:

² Quem não dá valor ao que é pequeno não merece a grandeza.

[...] o idealismo é o grande motor das invenções, das descobertas, dos empreendimentos políticos, econômicos e culturais que possibilitam as mudanças, as realizações dos sonhos, a concretização de desejos acalentados, muitas vezes, por toda uma vida. O idealismo impulsiona o veículo do tempo pela sua infinita e enigmática viagem rumo ao futuro (CHALITA, 2003, p. 53).

É preciso trabalhar com amor, assim como educar os filhos e brincar com eles com esse mesmo sentimento. Falta responsabilidade para com as crianças. Elas precisam da ajuda familiar e também da sociedade para crescer de modo saudável. A partir da situação educacional é perceptível que em todas as entidades (escola, família, trabalho) há dificuldades, e uma não consegue exercer as suas atividades da melhor maneira possível porque depende de outra. Ou seja, estamos completamente interligados e, quando alguém está com dificuldades, os outros não conseguem trabalhar muito bem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstra que o uso de palavras de calão torna-se cada dia mais comum. Quando alguém fala, os demais retrucam da mesma maneira, não fazem nada ou não dão atenção. A família é quem deveria desenvolver a maior parte da caminhada com as crianças em casa em relação aos modos de elas se comportarem em público. No momento em que isso não acontece, o professor traz essa responsabilidade para si e para a escola. Ele também não consegue trabalhar e atuar em sala de aula de modo saudável, se o comportamento dos alunos não permite isso.

Escola e família deveriam trabalhar mais próximas. O adulto deve ser exemplo positivo para a criança de hoje, com o intuito de que essa tenha inspiração para prosseguir com um excelente trabalho e promova melhorias sociais. Também é imprescindível ressaltar que

as relações humanas necessitam de um cuidado minucioso, pois elas são destruídas todas as vezes que o individualismo ganha forças. Esse perde força quando os valores trilham os caminhos das pessoas e há união.

A temática sobre as palavras de calão é discutida como sendo específica da escola. É esse um dos espaços em que acontece o maior encontro de culturas. Uma tem influência sobre a outra, e todos devem participar do processo de aprendizagem das crianças para que elas tenham uma boa formação e, posteriormente, boa atuação na sociedade.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Ana Maria Antunes de. A comunicação no processo de ensino aprendizagem. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, n. 52, p. 48-51, fev. 2015.
- CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Gente, 2003.
- DEMO, Pedro. **O mais importante da educação importante**. São Paulo: Atlas, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- LA TAILLE, Yves de. Autoridade e liberdade. **Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, v. 6, n. 21, p. 10-13, jun./ago. 2014.
- PEDROSA, Maria da Penha Simões. Cadê a autoridade que estava aqui?. In: PAROLIN, Isabel Cristina Hierro (Org.). **Por que você não me obedece?:** pais & educadores. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 11-34.
- WERNECK, Hamilton. O professor, a linguagem e o aluno: há um limite para o uso da linguagem coloquial em sala de aula; o exército do lecionar exige poder e firmeza. **Revista Língua Portuguesa**, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramaticaortografia/31/o-professor-a-linguagem-e-o-aluno-ha-um-225118-1.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2015.
- ZAGURY, Tania. **Educar sem culpa**: a gênese da ética. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.